

A breve história de Ethelvina: caridade, filantropia e assistência à infância em Pelotas (RS, 1875 – 1900)

Elisa dos Santos Vanti

Resumo

O presente estudo centra-se no último quarto do século XIX a fim de abarcar o contexto gerador e o processo histórico da construção social da idéia de “maternidade intensiva” e de “medicalização da infância”, como projetos republicanos de reforma social. A cidade de Pelotas – RS é tomada como “lócus” de análise por apresentar um desenvolvimento de destaque no contexto riograndense desse período. Essa situação de destaque caracteriza-se pelo enaltecimento à cultura e pela busca da civilidade dos costumes, combinados à prosperidade econômica. Entre a caridade e a filantropia, são criadas a Roda dos Expostos e o Asilo de Órfãos como dispositivos de proteção à infância.

Palavras Chaves: assistência à infância – história da educação infantil – história de Pelotas – RS.

Abstract

The study's center is the last quarter of the nineteen-century with the finality to encircle the generator context of the ideologies: “intensive maternity” and “infancy's medicalization”, like republicans projects of the social reform. The Pelotas city – RS is na analyses place because it shows a eminence development in “riograndese” context, characterized by cultural reverence and by search of the civilized customs, combined with a prosperity economic. Between the charity and philanthropy, are created the “Roda dos Expostos” and the “Asilo de Órfãos” like dispositives of the childhood protection.

Keywords: Infancy care – infant education history – Pelotas – RS history.

Na medida em que o abandono e a mortalidade infantil tornam-se insuportáveis aos escrúpulos de alguns grupos da sociedade e na medida em que esses índices não podem mais ser explicados pela causalidade, cresce a necessidade da criação de um estabelecimento caritativo capaz de aliviar consciências e arcar com as responsabilidades de sobrevivência dos enjeitados.

Segundo DUBY (1990), foi a prática corrente do abandono de crianças, a quase infalível morte desses pequenos abandonados e o desagrado da igreja com a situação que fez com que fossem criadas as primeiras instituições de recolhimento dos bebês enjeitados na Europa medieval por volta do século XV. No Brasil, essas instituições surgem por volta do século XVIII com a colonização do país pelos portugueses.

Em Pelotas, até fins do século XIX, a família é admitida socialmente como única responsável pelo gerenciamento das crianças nos seus primeiros anos de vida. Até essa época, o atendimento institucional a crianças menores de sete anos no município só era oferecido nos casos de abandono declarado, a Roda dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas e o Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição. Cabe lembrar que nesse mesmo período, na Europa e em algumas cidades do Brasil como Rio de Janeiro e São Paulo, os jardins da infância e as creches assistenciais iniciam sua proliferação.

Antes da Roda, ou seja, antes das Casas de Misericórdia assumirem a assistência a criança abandonada em todo o país, era da responsabilidade da municipalidade recebê-las e assistí-las. No entanto, conforme declara MARCILIO (1997, p.53) “essa assistência, quando existiu, não criou nenhuma entidade especial para acolher os pequenos desamparados. As câmaras que amparavam seus expostos limitaram-se a pagar um dispêndio irrisório para que as amas-de-leite amamentassem e criassem as crianças”.

GERTZE (1997) escreve que a Roda dos Expostos foi instituída no estado do Rio Grande do Sul pela lei provincial nº 9 de 22 de novembro de 1837. Esta lei transfere definitivamente a responsabilidade da Câmara Municipal para as Casas de Misericórdia. As Santas Casas do estado passam a incorporar às suas obras de assistência o recebimento, a guarda, os cuidados e o destino das crianças abandonadas. Com essa medida legal, as Santas Casas de Misericórdia, localizadas no estado do Rio Grande do Sul, entram em conformidade com as normas das tradicionais Santas Casas de Misericórdia portuguesas, inclusive por instituir a Roda como mecanismo de recolhimento dos enjeitados, no sentido literal da palavra.

A Roda é fixada no muro ou janela da instituição e seu dispositivo contém um cilindro giratório de madeira e uma divisória. Os artigos de

MARCÍLIO (1997) e LEITE (1995) ajudam a conhecer e até a visualizar o procedimento de depósito do exposto no dispositivo da Roda.

Segundo esses autores, primeiro, o bebê rejeitado, o exposto, é colocado em um tabuleiro pela abertura externa da Roda, em seguida o expositor, ou seja, aquele que deposita a criança, gira o mecanismo e o exposto passa para o interior da instituição. Logo após, o expositor toca uma sineta para avisar da chegada de mais uma criança. O exposto é recolhido pela pessoa responsável pela vigilância da Roda, sem que o expositor possa ser identificado.

NASCIMENTO (1987, p. 3), que pesquisa sobre a Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, afirma que "(...) num domingo, 19 de março de 1848, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas abriu solenemente as portas a humanidade desvalida..." A Santa Casa de Pelotas, regida pelo Estatuto das Casas de Caridade portuguesas, ou o Compromisso de São José de Lisboa, segue as determinações da lei provincial nº 9 de 22 de novembro de 1837, cria, em 1º de julho de 1849, a *Caza para os Expostos*. Nesta data, as três crianças abandonadas que até então eram atendidas pela Câmara Municipal, passam a cargo da instituição de misericórdia. Esta transferência é registrada no Livro de Atas da Santa casa de Misericórdia de Pelotas na reunião do dia 11 de agosto de 1853.

A criação dos expostos do município pafsou no 1º de julho de 1849 da Camara Municipal para a Santa Caza de Misericordia, recebendo esta nesfa dacta do provedor d'aquella os trez ezpostos então existentes.(Livro de Atas da Santa casa de Misericórdia de Pelotas, reunião do dia 11 de agosto de 1853).

Quanto a viabilidade econômica desse serviço, a Assembléia Provincial repassa à Santa Casa de Misericórdia uma verba, designada por lei, de 4:000\$000,00 (quatro contos de réis) anuais.

No momento em que os expostos passam a cargo da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, o número de crianças atendidas é imediatamente aumentando talvez, porque o expositor não é identificado pelas pessoas que trabalham na instituição.

O sistema de atendimento a criança abandonada da *Caza dos Expostos* vinculada a *Santa Caza de Misericordia* de Pelotas é criado com a finalidade de acolher e proteger os pequenos enjeitados do município, evitando o infanticídio. Esse serviço vai sendo cada vez mais utilizado pela população, superando a demanda de crianças abandonadas atendidas pela Câmara Municipal.

O numero destes infelizes de ali para ca tem sempre crescido de modo que no 1º de julho de 1852 existião 10, entrando mais 5 até o ultimo

de junho deste anno, ao todo 15, destes falecerão¹ 3, e ficarão restando 12, no conselho do mez entrou mais 1, de sorte que existem atualmente 13. (Livro de Atas da Santa casa de Misericórdia de Pelotas, reunião do dia 11 de agosto de 1853).

Segundo o Regimento Interno da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, datado de 1890, título III do Serviço Administrativo, cabe à diretoria nomear um “Mordomo dos Expostos”, que será encarregado pela “*Meza da Santa Caza*”, de inspecionar todo o serviço referente às crianças colocadas à Roda.

É o Mordomo dos Expostos quem registra em um livro especial², o sexo, a idade e as características físicas das crianças entregues a Roda, como também a data do ocorrido. O Mordomo dos Expostos, conforme o Regimento Interno de 1890, designa o nome da criança recolhida, caso ela ainda não o tenha e providencia o seu Registro Civil e padrinhos de batismo. Para padrinhos são escolhidas pessoas da sociedade que podem ajudar o exposto no futuro.

O Regimento Interno da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas de 1890 deixa claro os procedimentos da instituição com o cuidado das crianças deixadas à Roda. Logo que os bebês abandonados são recolhidos pela religiosa franciscana responsável pela vigilância da Roda, as demais irmãs de caridade fazem a higiene na criança e lhe trocam o vestuário. Em seguida, o bebê é examinado por um dos médicos da instituição. Suas características, seu nome e a data de entrada são registrados no Livro dos Expostos, pelo Mordomo ou ainda por uma das irmãs de caridade.

Após, uma ama-de-leite passa a cuidar e amamentar a criança abandonada. Após o desmame, a criança é encaminhada a uma ama-criadeira ou também chamada de mãe-criadeira. Geralmente, depois do desmame é a própria ama-de-leite quem se torna a ama-criadeira do exposto, anteriormente, deixado aos seus cuidados para ser amamentado. As amas cuidam das crianças sob o pagamento de 16\$000,00 (dezesesseis mil réis) mensais, no caso das amas-de-leite, que são encarregadas de amamentar a criança até os seus dois anos de idade, e 12\$000,00 (doze mil réis) mensais para as amas-criadeiras, que ficam com o exposto logo após ele ter completado o tempo regulamentar para a amamentação.

Após completarem uma determinada idade, que poderá ser de três, cinco ou sete anos, a criança exposta deve retornar a Santa Casa para que lhe dêem outro destino. Neste caso, a criança que retorna a Santa Casa poderá ser adotada por seu padrinho ou por sua ama-criadeira, pode ser

¹ Os verbos no caso das citações literais estão com a escrita conforme a ortografia apresentada no documento original, se trata do verbo no pretérito e não no futuro.

² Infelizmente o Livro dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas foi extraviado tempos antes da realização desta pesquisa.

encaminhada ao Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição no caso das meninas de três ou cinco anos de idade ou ainda, ser removida para o Arsenal de Guerra em Porto Alegre, no caso dos meninos com sete anos.

Quanto ao trabalho conjugado entre a *Caza dos Expostos* da Santa Casa de Pelotas e o *Asylo de Orphans*, é em setembro de 1855, quando a primeira leva de expostos da Santa Casa já conta com idades entre cinco e sete anos, que é firmado o convênio entre os serviços de recolhimento da Roda e os serviços de guarda e educação do Asilo.

O pedido para o convênio encaminhado em ofício dirigido à direção do *Asylo das Orphans Desvalidas*, solicita que esse estabelecimento passe a acolher as meninas abandonadas à Roda³. Na Ata da reunião de abertura da “*Meza do Asylo de Orphans*”, 1ª e 2ª sessão de 11 de setembro de 1855, registra a transferência das expostas da Santa Casa para o Asilo.

Fazendo-lhe conhecer que esta Caza pode receber as expostas maiores de cinco annos, mediante o stependio que paga a Santa casa, para sua sustentação e vestuario. A Meza limitou a 12 o numero de orphans que podem ser admitidas no Asylo.

Curiosamente na reunião seguinte, relatada na Ata de 23 de setembro de 1855, 3ª sessão, a deliberação anterior é modificada e a pedido da Santa Casa resolve-se antecipar a idade mínima para o recebimento da exposta no Asilo. Segundo esta nova deliberação, as meninas poderiam ser entregues ao Asilo com 3 anos de idade.

Leu-se a acta da 2ª sessão que foi approvada, modificando porem, a Meza, a parte que trata das expostas da Santa Caza da Misericordia diz que o Asylo receberá as expostas maiorez de 5 annos – deve-se entender 3 annos, por serem estipuladas pela Santa Casa.

Com a antecipação da entrada das expostas no Asilo, a Santa Casa diminuía o tempo de permanência da criança junto a ama-de-leite e a amacriadeira. Com isso, a instituição consegue um aproveitamento melhor das amas que mais cedo liberam-se dos cuidados das meninas para receber uma nova criança. Essa maior rotatividade das meninas nas casas das amas permite um desafogo no sistema pois, segundo relatos dos Mordomos, a falta de mulheres que se dispõem a se ocuparem com a criação dos expostos às dispensas da Santa Casa é cada vez maior e a permanência dos expostos no hospital causa transtornos a organização dos demais serviços daquela instituição.

Para a diretoria da Santa Casa de Pelotas, desde a criação da *Caza dos Expostos*, o auxílio anual da Assembléia Provincial é considerado

³ Foi procedimento comum, as Santas Casas brasileiras incorporarem ou se vincularem a uma instituição que recebesse as meninas. Tal cuidado com o gênero feminino se justificava pela preocupação das Santas Casas com a preservação da honra e da castidade das meninas expostas.

insuficiente para atender a crescente demanda de crianças abandonadas à Roda. Também o fato dos expostos não possuírem patrimônio próprio combinado com a escassez de amas, são apontados como causas da inviabilização econômica e prática desse serviço.

Os relatos das Atas limitam-se quase que exclusivamente a essas queixas, como nesses fragmentos⁴.

EXPOSTOS – Existirão no 1º de julho de 1851, 4, entrarão em todo este anno 10, total 14, falecerão 4, existem 10. Esta consta das grandes despesas deste hospital, por que todos os dias cresce o numero dos expostos e as amas se tornão cada vez mais difficultosas, e talvez que no fucturo não seja possivel obtellas pelo preço de 16\$000,00 réis menças que athe hoje se tem pago, o que fará avultar muito esta verba da despeza. À nossa illustração pertence regular tão delicado objeto. A sua escripturação continua nos livros da misericórdia, por não terem ainda bens nenhuns seus em particular.(Livro de Atas da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, reunião do dia 11 de junho de 1852).

EXPOSTOS – (...) A despeza com a criação dos expostos figura entre as verbas mais acrescidas da Santa Casa devendo-se calcular que irá sempre em successivo aumento, prezumível que brevemente so essa absorvera a consignação anual de quatro contos de réis com que tem sido a Santa casa auxiliada pela Assembleia Provincial, principalmente si se considera na dificuldade que há no lugar em encontrarem amas que se queirão encarregar nos expostos, oferecendo as condições e garantias mais indispensaveis a este mister, por menos de 16\$000,00 menças. (Livro de Atas da Santa Casa de Pelotas, reunião do dia 11 de agosto de 1853).

Paralelamente a essas queixas dos diretores, há a crítica cada vez mais contundente de médicos e higienistas quanto ao aleitamento mercenário das amas e quanto ao atendimento aos expostos nas Casas de Misericórdia (LEITE, 1995; GERTZE, 1997 e MARCÍLIO, 1998).

Acontece que a Santa Casa de Pelotas inicia o recebimento dos expostos quase na segunda metade do século XIX (em 1849), já em meio a um movimento de médicos e estrangeiros que pregam a extinção das *Cazas dos Expostos* existentes no país, como a Roda dos Expostos de Recife (fundada em 1789), a Roda dos Expostos da Bahia (de 1726), do Rio de Janeiro (de 1738) e uma das mais recentes, a Roda de Expostos de São Paulo (de 1825).

⁴ Como se pode observar nesses relatos sobre a situação dos expostos, os números que se sucedem na entrada e saída das crianças na instituição é pretexto estatístico para demonstrar a tendência nas despesas da Santa Casa e a inevitável inviabilidade econômica dos serviços. Um outro aspecto que chama a atenção nos relatos é o fato de que o valor pago as amas-de-leite é considerado alto pela diretoria, entretanto, não parece compensador ou atrativo para as amas que, conforme relatos anteriores, são sempre em número insuficiente para atender a demanda.

O discurso daqueles que combatem o serviço da Roda dos Expostos centraliza-se nas condições de higiene, atendimento e sobrevivência das crianças atendidas no interior da instituição da Santa Casa. Em Pelotas, a Santa Casa, quase sempre, terceiriza os seus serviços de criação dos expostos, colocando-os junto as amas nas suas casas, descartando a crítica quanto a higiene e modo de cuidar as crianças dentro da instituição.

Quanto ao argumento dos altos índices de mortalidade, o número de mortes dos expostos que ingressam na Santa Casa de Pelotas não chega a alarmar os diretores a ponto de ser registrado com preocupação ou admiração talvez, porque, relativamente, a percentagem de crianças que falecem depois que são entregues a Roda pelotense é bem inferior a taxa de mortalidade das grandes *Cazas dos Expostos* do resto do país⁵. Além disso, é esperado que algumas crianças abandonadas à Roda morram pois, conforme afirma NASCIMENTO (1987), freqüentemente os expostos recolhidos à Santa Casa são crianças mal nutridos, doentes e em péssimas condições de saúde.

Nesse sentido, as críticas ao serviço da Roda em Pelotas, limitam-se aos problemas de manutenção e viabilização econômica do serviço, tanto que a impressão que se tem é que a Santa Casa só aceita tal serviço por imposição da lei provincial e, ao mesmo tempo, para garantir a verba auxiliar da Câmara Municipal. Tudo indica que, a princípio, a diretoria não prevê o aumento do número de expostos que chega a ser de mais de 200% só nos primeiros anos de atendimento da *Caza dos Expostos*, tornando o auxílio da municipalidade insuficiente.

No entanto, algumas das queixas financeiras quanto ao serviço aos expostos vem acompanhadas de sugestões de encaminhamento de aumento da alíquota de subvenção, como na Ata da reunião de 30 de agosto de 1854:

EXPOSTOS – (...) Despendeu-se com a criação e o vestuário do ano findo 2.602\$556 absorvendo-se assim com elles a maior parte da consignação Provincial, e se a Santa Casa não for auxiliada com meios sufficientes para a sua criação e vestuario indispensavel, terá em breve de sofrer em onus superior as suas forças em razão do progressivo augmento destes infelizes que reclamão medidas legislativas do poder para melhorar a sua sorte.

Para amenizar o problema da falta de verbas e da crescente despesa da Santa Casa, cria-se em 1854 o Cemitério e o serviço funerário da Misericórdia, a fim de que o pagamento de seus serviços pela população auxiliem no equilíbrio financeiro da instituição.

Mesmo assim, as queixas continuam, só que são acrescidas de discursos de repúdio a atitude das mães que abandonam os filhos na Roda.

⁵ Ver LEITE in Del PRIORE (1995) e MAUA in FARIAS (1997).

Como na Ata da reunião do dia 7 de março de 1856, quase dois anos após o início do funcionamento do Cemitério e do serviço funerário da Santa Casa:

As despesas com este ramo importante de caridade augmenta progressivamente em socorro desses infelizes abandonados por mays desnaturalizadas, que negão seu seio a seus filhos. Todo divello tem havido no tratamento delles, e a designação de 4:000\$000,00 que tem sido notadã pela Assembleia provincial é diminuta para esse ramo, e da solicitude de N. Exa que espero, será augmentada.

Verifica-se aí o discurso em favor do aleitamento natural, defendendo-o como característica fundamental da maternidade. O caráter de desnaturalização da mãe que abandona o filho tem, como crítica principal, o fato da mãe ter se negado a amamentar o filho, o que faz do aleitamento mercenário uma inevitável necessidade e uma incondicional despesa para a Santa Casa.

Os biênios de maior número de expostos a dispensas da Santa Casa são os de 1873-1874, com 42 crianças, e 1875-1876, que chega a receber 50 crianças. Entre os anos de 1874 a 1876, das 50 crianças que passam pela Roda, 15 falecem, ou seja, 30% das crianças que estão sob os cuidados da instituição.

Nos anos seguintes, até o final da década de oitenta, o número de expostos oscila entre 7 a 10 crianças. No relatório do provedor da Santa Casa encontra-se o seguinte texto sobre o movimento dos expostos no biênio de 1888 a 1889:

EXPOSTOS – Elevou-se para 8 o número dos que estão sob os cuidados deste pio estabelecimento...

Há muito por fazer neste ramo de serviço, oxalã dispuzessemos de maior somma de recursos que então de novo vos suggeriria a minha ideia, já antes manifestada sobre elle – de crear-se um asylo de maternidade, dirigido por distintas senhoras únicas componentes para conserval-o na altura reclamada por nossa civilização. (Relatório da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas – 1888 – 1889, ed. Echenique, p.2).

A idéia do provedor da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, o Sr. Barão de Arroio Grande, não tem nada de original. Sabe-se que nesta época na Europa e mesmo no Brasil (KUHLMAN, 1991 e 1996), a educação infantil e a assistência à infância já acontecem em creches ou salas de asilo, sob a coordenação das senhoras da sociedade juntamente com os médicos higienistas. Essas instituições, definidas unicamente para o atendimento à crianças das famílias das camadas subalternas, são difundidas mundialmente nas Exposições Internacionais, como propostas modernas e científicas na proteção à infância na prevenção do abandono (KUHLMAN, 1996).

Um outro aspecto que depõe contra a permanência da Roda é a idéia de que esse serviço da Santa Casa de Misericórdia está associado ao sentimento de caridade, ligado a religiosidade e não a filantropia que têm um sentido voltado à assistência científica, tão prestigiada naqueles tempos. A Roda dos Expostos vai se tornando símbolo do arcaico e isto é intolerável para uma sociedade próspera como a de Pelotas que anseia por alcançar o progresso social próprio da civilidade.

Verifica-se também que o provedor da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas Sr. Barão de Arroio Grande elege as “senhoras da sociedade” como sendo as únicas competentes para orientarem às mães sobre os cuidados de acordo com os preceitos de civilização, ou seja, cuidados ligados a *maternidade intensiva* e aos conselhos da puericultura moderna. As senhoras da sociedade, aliadas na execução do projeto de *medicalização* da infância, vem em substituição as amas e as irmãs de caridade na coordenação e orientação dos serviços de assistência à infância.

As crianças atendidas não são, unicamente, as abandonadas ou expostas mas sim aquelas afastadas das mães trabalhadoras, durante o seu período de labuta. Nessa nova concepção de atendimento que surge em Pelotas, a influência das senhoras da sociedade e dos médicos não se limita ao atendimento institucional da criança na ausência da mãe mas, segundo KUHLMAN (1991), estende-se a educação higiênica e moral das famílias trabalhadoras como um todo. O surgimento dessa outra modalidade de atendimento infantil, encabeçada pelo pensamento europeu ocidental, parece ter sido o golpe final para a extinção da Roda dos Expostos em Pelotas.

O relato do provedor da Santa Casa sintetiza a representação social que a Roda vai adquirindo nesse final de século. Vista como uma prática arcaica e persistente que impede a sociedade, em franco processo de modernização, atingir a almejada “civilidade”, baseada nos preceitos da ciência, o sacrifício financeiro e estratégico da instituição em manter este serviço vai se tornando, definitivamente, desnecessário e sem fundamento.

Em efeito disso, na década de noventa, a queda no movimento dos expostos é vertiginosa. No biênio de 1893-1894, por exemplo, só dá entrada 1 exposto, ficando 7 aos cuidados da Santa Casa. Desses falecem 2, 2 são entregues definitivamente as criadeiras sem onus para a Santa Casa e 1 é adotado pelo padrinho, restando apenas 2 sob às dispensas da Santa Casa, menos de um décimo do número já existente aos cuidados da instituição.

No relatório da Santa Casa de Pelotas no biênio de 1893-1894, expõe a situação de declínio que se encontrava os serviços da *Caza dos Expostos*:

(...) Quizera dar-vos uma exposição mais lisongeira neste ramo de serviço, mas a deficiência de recursos e outras razões supervenientes, fizeram com que não pudesse atender, como desejava, a sua necessária reorganização.

Diante do diminuto número dos expostos atendidos fica difícil a utilização das estatísticas para justificar o aumento das despesas com o serviço aos expostos. Por fim, o provedor Barão de Arroio Grande sugere novamente a criação de um asilo para as crianças pobres que destituísse de vez o hospital dessa missão:

Continuo a pensar, como já disse em meu último relatório, que a criação e educação dessas crianças pobres caberia melhor a um asylo para este fim instituído, para que estas desafortunadas tivessem tudo o quanto é necessário a sua criação e educação, a fim de se tornarem úteis a sociedade. (Relatório da Santa casa de Misericórdia de Pelotas, biênio 1893-1894, p.2).

Verifica-se também que nesses discursos contidos tanto nos relatórios como nas atas das reuniões da Santa Casa, fazem referência às crianças abandonadas, ou seja, aos expostos que estão aos cuidados da instituição, utilizando os adjetivos “infeliz”, “desafortunado”, “desvalido”, “desnaturalizado”. Esses adjetivos atribuídos aos expostos parecem demonstrar uma concepção fatalista de que a vida e o futuro dessas crianças estão fadados ao desgosto ou a infelicidade que têm como causa determinante a sua condição de abandonadas e de classe social.

Nesses casos, onde a vida reserva inevitavelmente infelicidade, é bom que a criança se transforme em um ser útil para a sociedade, aproveitável para o trabalho, um adulto produtivo e resignado com o seu destino. É importante recordar que a partir dos últimos anos do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, Pelotas despontou como centro industrial da região sul do Estado e para isso, se fez valer do trabalho dos homens, das mulheres e das crianças das camadas populares nas fábricas emergentes, daí a preocupação dos industrialistas, como o charqueador e Provedor da Santa Casa de Misericórdia, Barão de Arroio Grande em formar sujeitos úteis e disciplinados desde a infância. A partir de 1896 até 1899, a entrada de expostos praticamente cessou, chegando a no máximo uma criança por biênio.

A breve história de Ethelvina

Acompanhando a trajetória da exposta Ethelvina, na *Caza dos Expostos* da Santa Casa de Pelotas, pôde-se auferir a situação desse serviço

na última década do século XIX e nos primeiros anos do século XX, tempos que antecedem a sua extinção definitiva.

A história de Ethelvina na instituição só pôde ser delineada porque, diferente das outras crianças que passaram pela instituição, se destaca pela resistência ao destino que vinha sendo imposto à sua vida.

Ethelvina ingressa na Santa Casa no dia 17 de julho de 1890, uma menina branca que fica confiada aos cuidados das irmãs de caridade. Nos documentos encontrados não consta a idade da menina na data de seu ingresso na instituição.

Ethelvina, em seguida, é entregue a senhora Henriqueta Baptista que passa a criá-la.

Em 1896, entretanto, Ethelvina retorna para o hospital porque, segundo os documentos da Santa Casa, D. Henriqueta Baptista não podia mais sustentá-la, “por estar em situação precária”, conforme NASCIMENTO (1987, p.65).

Entretanto, do Hospital transferem-na para o Asilo Nossa Senhora da Conceição. Porém, Ethelvina não pôde ser recebida no asilo Nossa Senhora da Conceição sob a alegação de que esse estabelecimento não recebe mais crianças de pais desconhecidos. Segundo NASCIMENTO (1987), Ethelvina passa a receber instrução, freqüentando as aulas no asilo durante o dia e o resto do tempo fica na Santa Casa de Misericórdia sob os cuidados diretos das irmãs de caridade que atendem na *Caza dos Expostos*. Assim que, de 1896 a 1900, Ethelvina convive com o cotidiano do hospital e freqüenta as aulas no asilo.

No ano de 1900, a Madre Ludgera consegue colocação para Ethelvina em um asilo de órfãos em Porto Alegre. Não se sabe o porquê, mas Ethelvina retorna do asilo de Porto Alegre e reaparece no relato sobre os expostos de 1905. A menina, agora uma adolescente, passa a figurar constantemente, e de forma bastante enfática, nas Atas da Santa Casa de Pelotas.

É a primeira vez que um exposto deixa de ser mencionado no relato como sendo apenas mais um número, uma criança como as outras que passa pelos procedimentos da casa e que poderia ou não ter sobrevivido a eles. Ethelvina, ao contrário, ganha vida por sua rebeldia e por sua vontade de mudar a realidade:

EXPOSTA ETHELVINA – O Ilmo Dr. Comunica a Mesa que a exposta, continua insubordinada, aborrecendo constantemente as irmãs, apesar das inumeras observações que tem recebido, a nada quer attender, hesto não podendo ser tolerado, e constituindo a sua retirado do hospital se poderá talvez conseguir do Juiz Districtal que possa dar-lhe algum destino,

salvando-nos de qualquer incommodo maior. (Livro de Atas de 1900 – 1907, p. 122-123).

Sem poder internar Ethelvina no Asilo de Órfãs de Pelotas, e depois dela ter retornado definitivamente do asilo de Porto Alegre, a única alternativa das irmãs e da diretoria é arrumar uma família que queira adotá-la. O que nos faz pensar que talvez, fosse esse o desejo de Ethelvina.

Quem sabe não fosse essa a real intenção de Ethelvina com sua rebeldia? Não estará ela forçando essa situação com seu comportamento rebelde? Não estaria ela resistindo a uma rotina, talvez, de trabalho no cuidado dos expostos que ainda são deixados à Roda? Conforme GERTZE (1995), é comum, naquele contexto histórico, que expostas, quando adolescentes ou adultas, se tornem auxiliares dos serviços da Roda e até mesmo amas-de-leite ou criadeiras.

EXPOSTA ETHELVINA – Comunica o Sr. Dr. Provedor que, esta exposta continua incorrigível, e bastante encommodando as irmãs precisando-se com urgencia retiral-a do hospital, para qual quero collocação conveniente. O Mordomo Sr. Viriato disse que a familia do Sr. Major Baptista Pereira, recebe uma criança nas condições desta exposta, sem ter familia e se encarregada de consultal-o, procurando ver se será possivel collocar- a A Meza approva. (Livro de Atas da Santa Casa de 1900-1907, ata da reunião do dia 8 de maio de 1905).

Ethelvina é adotada pelo major e deixa a instituição para alívio geral das irmãs e da diretoria do estabelecimento e, provavelmente, da própria Ethelvina. A saída de Ethelvina marca a extinção definitiva da Roda. Muitos são os indícios desse fim cada vez mais próximo.

No biênio de 1904 – 1905, as poucas crianças abandonadas que ingressam na instituição são deixadas na porta principal do hospital, ou levadas pelo subintendente de polícia que as recolhe nas ruas da cidade, recorrendo imediatamente à Santa Casa.

É o que se pode verificar nos relatos de 16 de julho de 1904 (p. 76 do Livro de Atas da Santa Casa de 1900-1907), de 10 de setembro de 1904 (p. 89) e de 16 de março de 1905 (p.122):

Expostos – O Sr. Salvador Lemos, mordomo dos Expostos comunica a Meza que na madrugada de 23 de junho findo, dentro de um cesto deixado a porta principal do hospital, uma criança do sexo masculino, sem indicação alguma, foi encontrada encobrida em um pedaço de chale velho e pequeno lençol, e coberto com um saco de amiação, foi imediatamente cuidado, achava-se a cargo de uma preta que recolhida a este hospital a tempo perdido, que depois do parto de seu filho, aceitou também amamentar o exposto, e que se acha presentemente em singular condição: foi dado ao registro civil como o nome de João Baptista, a

matricula no respectivo livro foi feita sob o número 63. São três os expostos existentes e todos achão-se neste hospital: Ethelvina, Maria e João Baptista (Livro de Atas da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, 16 de julho de 1904, p.76).

O fato demonstra a declarada falência do sistema da Casa dos Expostos que, ao que parece, não dispõe mais de amas-de-leite ou criadéiras para atender as crianças. Outro fato que mostra a desativação da Roda enquanto mecanismo de depósito das crianças é que no caso de João Baptista, ao invés ter sido recolhido pela vigilância da Roda, foi deixado na porta principal da instituição, na calada da noite fria de inverno, mal coberto com um xale roto e outros panos. Depois dele, ainda são recolhidas, pela polícia, mais duas crianças, que, posteriormente, são entregues pelo subintendente às irmãs de caridade:

EXPOSTO – comunica o Sr. Dr. Provedor que no dia 15 de agosto findo, foi entregue pelo Dr. Subintendente a Santa Casa, uma criança recém nascida, cor branca, encontrada na sargeta da Rua Santa Cruz, é do sexo masculino, recebida, foi convenientemente cuidada e achava-se ainda neste hospital. A autoridade referida procura saber a quem pertence a criança. Por enquanto nada de verdadeiro tem conseguido aquella autoridade. (10 de setembro de 1904, p. 89).

Parece que na impossibilidade das irmãs de caridade se ocuparem da guarda da criança fica evidente a extinção da Roda dos Expostos, nota-se no discurso a omissão da referência a ama que ficaria com encargo de cuidar e amamentar o menino. A expressão “*achava-se ainda neste hospital*”, a quase um mês da data da entrada do exposto, mostra o caráter de urgência de sua designação, mesmo que fosse o encaminhamento à mãe verdadeira ou qualquer outra pessoa que quisesse se responsabilizar por ele.

Dezessete dias depois do registro da reunião de 10 de setembro de 1905, José Francisco, o exposto deixado na sarjeta e entregue as irmãs em 15 de agosto de 1905 vem a falecer:

EXPOSTO – José Francisco – Este exposto entregue pelo subintendente Rohnald e que ficou matriculado sob o nº 64, faleceu em 27 de setembro passado. (27 de outubro de 1904, p.97).

Na mesma situação de José Francisco, é entregue às irmãs, uma menina, em 30 de Janeiro de 1905, como segue o relato de 16 de março de 1905 do Livro de Atas da Santa Casa de Misericórdia:

O Sr. Dr. Provedor comunica a Mesa, que em 30 de janeiro último, por ordem do subintendente Sr. Fernando Rohnald fora entregue a este hospital, uma criança branca sexo feminino, que depositaram a um corredor da rua Riachuello, fez-se comunicação ao carthorio de Registro Civil sob o nome de Danuncia, e ficou matriculada no livro competente

de este hospital sob o número 65. Foi entregue a criadeira Maria Abilina, por ordem do Sr. Mordomo dos Expostos, Salvador Lemos, a referida criadeira, de acordo com o Sr. Mordomo não receberá retribuição alguma (p.122).

Em 24 de fevereiro, ingressa na Santa casa outra criança, trazida pelo Sub-chefe de Polícia:

Em 24 de fevereiro passado, pelo Sr. Sub-chefe de Polícia Christovão José dos Santos foi também entregue a Santa Casa, uma criança do sexo masculino, a qual foi encontrada na porta de uma casa nos suburbios da cidade (na Luz) o que foi comunicado do carthorio de Registro Civil, tomou o nome no livro competente sob o nº 66. Ficou encarregado de sua criação Maria Abrilina sem direito a ser remunerada por este serviço segundo declarou o Sr. Mordomo Lemos. Falleceu porém a 14 de fevereiro a Exposta Danuncia (p.122).

Deixados para morrer sob os cuidados suspeitos de criadeiras não remuneradas, essas crianças só vivem o suficiente para serem registradas no Livro dos Expostos. É verdade que não se pode saber em qual estado de saúde essas crianças chegam à instituição, devido ao fato de que não consta, na documentação acessada, o registro da *causa mortis* mas, pelo fato da Casa não dispor mais de amas e nem da Roda, acredita-se que os serviços aos expostos encontram-se em estado precário. A população quase não deposita seus abandonados na Santa Casa, eles são deixados na rua e só são levados a Santa Casa por insistência dos subintendentes e sub-chefes de polícia.

A precariedade dos serviços aos expostos da Santa Casa não condiz com a situação econômica da instituição na época. Em 1904, por exemplo, foi inaugurada a enfermaria infantil e a instituição investe na construção de novas enfermarias, em medicamentos e em novas contratações de profissionais para o corpo médico.

Os relatores da situação dos expostos na Santa Casa param de queixar-se das despesas com esse serviço já que, praticamente, nenhuma despesa é realizada nesse setor e também nenhuma contribuição para a manutenção desse serviço, é registrada.

O último biênio em que dão entrada expostos na Santa Casa de Misericórdia de Pelotas é em 1907-1908. Entram Ignez, em 11 de julho de 1908, e Angelina, em 16 de julho de 1908. A última notícia dos expostos no Livro de Atas da Santa Casa de Pelotas é uma pequena nota que comunica a morte de Ignez, quatro meses depois de sua entrada na instituição. Não há referência sobre o destino de Angelina e a trajetória de seus cuidados junto à ama-de-leite ou à sua criadeira, se é que a menina tenha chegado a receber tais cuidados.

Em 1915, é publicado no Almanaque de Pelotas um histórico da Santa Casa de Misericórdia do município. Nesse histórico não faz qualquer referência sobre o serviço da Roda dos Expostos, sua existência e sua contribuição à sociedade pelotense. No entanto, nesse mesmo texto, há uma significativa exposição sobre a Liga da Infância, uma espécie de campanha de arrecadação financeira que procura levantar fundos para o combate da difteria. A Liga, fundada em 1894 pelo médico Dr. Nunes Vieira e incorporada à Santa Casa, faz com que a instituição passe a produzir o soro anti - diftérico.

No histórico também consta a atividade da enfermaria infantil inaugurada em 1904, e do cemitério, fundado em 1854, mas nada consta sobre o serviço da Roda dos Expostos, que provavelmente se manteve efetivo de 1849 a 1908, cerca de 59 anos.

Em 1917 o Almanaque de Pelotas volta a publicar a trajetória da instituição Santa Casa de Misericórdia de Pelotas e noticia com fotos da medalha, o prêmio recebido pela Santa Casa pelotense na Exposição Internacional realizada em Roma, no ano de 1912 e, novamente, não faz nenhuma referência aos serviços da Roda dos Expostos.

O mesmo acontece com outra publicação importante sobre Pelotas, o Álbum de Pelotas, que em 1922 foi editado em comemoração aos cem anos da proclamação da independência. No Álbum de Pelotas, é contada através de reportagens e publicidade, a história do desenvolvimento social e econômico da cidade envolvendo também, a trajetória das instituições assistenciais, dentre essas, a tradicional Santa Casa de Misericórdia. Novamente a Roda dos Exposto não é se quer mencionada, nem mesmo sua extinção como ponto significativo para o início de uma outra abordagem relativa às políticas públicas de atendimento á infância.

Desse modo, restrita aos documentos das Atas da instituição e dos seus relatórios bianuais, de acesso restrito, a existência Roda dos Expostos da Santa Casa de Pelotas vai sendo varrida da memória e do conhecimento da população pelotense. A impressão que se tem, é que a Roda faz parte de um passado que *envergonha* e sobre o qual se deseja *esquecer*.

Referências Bibliográficas:

- Del PRIORE, Mary. **A história da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1995.
- DUBY, Georges (org.). **A história da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FREITAS, Marcos Cezar (org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

- GERTZE, Jurema M. A infância em perigo. A assistência às crianças abandonadas em Porto alegre 1837 – 1880. Porto alegre: PUC – RS, 1990. Dissertação de Mestrado.
- KUHLMAN Jº, Moysés. Instituições pré-escolares assistencialistas no Brasil (1899 – 1922). Cadernos de Pesquisa nº 78. São Paulo: 17 – 26, ago. 1991.
- _____. As exposições internacionais e a difusão da creches e jardins-de-infância (1867 – 1922). Pro-posições vol.7, nº 3. [21], nov., 1996.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. História social da criança abandonada. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil 1926-1950. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). História social da infância no Brasil.SP.Cortez,1997.
- NASCIMENTO, Heloisa Assumpção. Santa Casa de Misericórdia de Pelotas: um breve histórico. Pelotas: Livraria Mundial, 1987.
- VANTI, Elisa dos Santos . O fio da infância na trama da história: um estudo sobre as significações de infância da Pelotas do final do século XIX (1875 – 1900). Pelotas: UFPel, 1998. Dissertação de Mestrado.

Elisa dos Santos Vanti é Pedagoga, Especialista em Educação Infantil, Mestre em Educação UFPel e Doutoranda em Educação pela UFRGS.